



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RECIFE, 20 DE JANEIRO DE 1958.

NA INAUGURAÇÃO DA FOSFORITA OLÍNDA S. A. (NOTAS TAQUIGRÁFICAS DO IMPROVISO).

A capacidade extraordinária da inteligência de Antiógenes Chaves permite-lhe fundir num discurso em que trata de assuntos de aparência tão árida uma nota poética que o torna sedutor e atraente. De fato,

85

não estou em Fosforita pela primeira vez, como acen-
tuou o ilustre orador. Acredito que já aqui tenha
estado umas três ou quatro vêzes, para demonstrar o
interêsse que sempre tive pelo gênero de indústria que
se ia processar e que considero, para a infra-estrutura
do país, tão essencial quanto a produção de aço ou de
energia elétrica. Estamos assistindo no país a um
surto de renovação incontestável. Aquelas vozes
agourentas que há dois anos só apregoavam para o
Brasil desgraça, profetizando dias sinistros, tais vozes,
por falta de auditório, já estão esmorecendo na sua
faina de desmoralizar a energia e a capacidade de
trabalho do povo brasileiro. Estamos sentindo agora
que a nação tôda se levanta e se prepara para êste
surto de desenvolvimento que era aguardado por várias
gerações e que, culminando, nos dias de hoje, propiciará
às gerações futuras um Brasil mais forte e mais
poderoso. Condições e qualidades eram necessárias
para a realização de um movimento desta natureza, e
o primeiro a que se propôs o meu Govêrno foi o do
restabelecimento da ordem, da tranqüilidade e do res-
peito à legalidade, suprema ambição de meu Govêrno,
ao empossar-me eu na Presidência da República.
E vejo, felizmente, que estamos agora cumprindo esta
meta, graças especialmente à paciência do Presidente
da República, que soube organizar em torno de si uma
área em que não deixou penetrar nem o ódio, nem
a vingança, nem incompatibilidades de espécie alguma,
para dar aos brasileiros a certeza de que era passada
a hora da fermentação política e que devíamos iniciar
uma era de trabalho e de reconstrução. Há poucos
dias, eu dizia a uma ilustre figura da Igreja Brasileira,
que me procurava no Palácio do Catete, que, se Job
deixasse as páginas da Biblia e viesse sentar alguns
dias numa poltrona do meu gabinete, dali havia de
sair agradecendo as lições de paciência que êste Pre-
sidente tem dado ao Brasil para restabelecer a paz e a
tranqüilidade tão indispensáveis a uma obra de re-

construção. Tenho nesse ponto a consciência tranquila de haver correspondido à índole boa e generosa do povo brasileiro. A minha campanha assumiu um caráter nacional, num movimento redentor da legalidade e de respeito à Constituição. E foi com essa bandeira, viajando por todo o Brasil e falando a todos os homens desta nação, que conseguimos, a 3 de outubro, uma vitória eleitoral, confirmada depois pelas Fôrças Armadas do Brasil, ensejando ao atual Presidente a base necessária para realizar uma obra que há de ficar gravada na história do Brasil como um dos passos fundamentais para a formação da nova mentalidade do desenvolvimento econômico. Não vim para o Governo — e nisto eu insisto sempre, desde a minha campanha eleitoral — com objetivos meramente políticos, no sentido partidário ou faccioso da palavra. A nossa política tinha uma filosofia mais alta, que era a do desenvolvimento do Brasil. E não tivemos receio de anunciar durante um ano de campanha um programa que agora está sendo cumprido e que foi resumido por mim nestas trinta metas, condensado num cartão a ser distribuido por todo o Brasil, para mostrar ao povo brasileiro que este Governo não tem medo dos seus compromissos, mas, pelo contrário, deseja que cada um dos brasileiros tome conhecimento dêles e os acompanhe para pedir contas da sua execução e da sua realização.

Entre essas metas, a de número 17 está sendo quase toda realizada pelos diretores desta organização. Não era possível, portanto, que numa hora como esta o Presidente da República não estivesse aqui presente, para se congratular por esta colaboração extraordinária que a Fosforita vem prestar ao futuro das gerações brasileiras. Com efeito, no número 17 destas metas, está escrito: aumento da capacidade de produção de fertilizantes em mais de 300 mil toneladas. Ao assumir meu Governo, estava o Brasil produzindo

pouco menos de 5 mil toneladas de adubos anualmente. Importávamos praticamente tudo aquilo de que necessitávamos no particular. Como Governador de Minas Gerais procurei desenvolver — e o meu empreendimento vai em marcha — a criação e a instalação da Fertisa. Infelizmente, porém, ainda não se encontra no ponto a que atingiu esta organização, fruto da iniciativa privada. Daí, todo o meu apoio e o meu entusiasmo pela iniciativa privada, que, quando necessita de tal, conta com a colaboração do Governo federal naquilo que lhe falta de capital realizável. Estamos, portanto, aqui, para assistir à inauguração de uma obra cuja perfeita significação só as gerações futuras compreenderão. Antiógenes Chaves, no seu magnífico discurso, deu o sentido exato dêste empreendimento. O Brasil é uma nação territorialmente imensa, mas de terras de um modo geral pobres, constituindo-se de manchas que deram às regiões que as possuem uma riqueza que os brasileiros de outros pontos do país olhamos com inveja e com admiração. O Sul do país, especialmente o Sul de Minas até o Rio Grande do Sul, é privilegiado na posse dessas terras, que lhe deram uma civilização que felizmente hoje para nós constitui estrutura poderosa para sustentar as regiões mais pobres e mais desprovidas do Brasil. Mas era imperativo, seguindo o ritmo da vida moderna, que não ficássemos presos a uma pobreza que pode ser perfeitamente superada. Ai estão os adubos para realizar êsse milagre de tornar o Brasil não uma nação agrícola e pobre, mas uma nação que, pelo seu imenso território, possa abastecer tanto seus sessenta milhões de habitantes, quanto constituir-se ainda num centro exportador de alimentos para tôdas as nações do mundo. Isto só se poderia realizar com o adubo. Por isso o Presidente da República, falando em nome da nação brasileira, se congratula com os organizadores dêste empreendimento, que amanhã dará só por si ao Brasil 250 mil toneladas das 300 mil que o Governo

havia anunciado como sua meta econômica para este quinquênio.

87

As metas do meu Govêrno não se poderiam cingir, entretanto, a um aspecto ou a uma face apenas da economia brasileira. Elas aqui estão, como disse, em número de 30, e começam pelo setor da energia. Quero neste instante em que o meu Govêrno completa dois anos e em que eu saio nesta peregrinação por todo o Brasil, como um viajante das necessidades e das aspirações do povo brasileiro, prestar também ao povo de Pernambuco aqui presente uma sucinta conta do que tem sido o nosso trabalho ininterrupto, desde a antemanhã de cada dia, até a madrugada alta de tôdas as noites. Estamos realizando com um rigor matemático tôdas as metas que propusemos à nação. Na parte relativa à energia elétrica, o meu Govêrno se havia comprometido a elevar para 5 milhões de kw os 3 milhões que encontrara realizados em 1955. Tôdas as tarefas nesse sentido estão sendo cumpridas; posso afirmar que em 1960 mais de 5 milhões de kw estarão a serviço do povo brasileiro, iniciadas também obras que assegurarão ao Brasil em 1965 um potencial instalado de 8 milhões de kw, sem o que sofreríamos terrível colapso no desenvolvimento da nossa indústria. Mas não apenas no setor da energia elétrica, senão que no da energia atômica pioneira, no do aumento da produção de carvão e sobretudo neste outro setor que vem apaixonando a opinião pública, porque além de ser um elemento indispensável à economia do Brasil, se transforma também num tema apaixonante de especulação política, que é a questão da Petrobrás. Havia os que não acreditavam neste órgão. Havia outros que, subordinados aos interesses de grupos econômicos estranhos, procuravam cercear a assistência que devia receber do Govêrno, já que seu objetivo era exatamente propiciar ao Brasil o elemento essencial à independência econômica de qualquer nação. Demos

todo o apoio à Petrobrás. E, tendo encontrado uma produção de apenas 6 mil barris, em fevereiro de 1956, havíamos programado como meta de cinco anos 40 mil barris. Pois bem. Nesta altura, nesta hora em que vos estou falando, já está a Petrobrás produzindo 45 mil barris, o que nos fez ampliar a nossa meta para 100 mil barris, certo, entretanto, de que ultrapassaremos esse objetivo.

88 Já começamos a colhêr os frutos dêsse esforço. Uma nação que, como disse inúmeras vêzes, se apóia apenas numa coluna de sustentação que é a monocultura do café, não poderá deixar de procurar desenvolver as suas outras potencialidades, diversificando a sua produção, melhorando a sua exportação, para que não vivamos todos os anos sob permanente ameaça de crise econômica, resultante das intempéries que podem atuar sobre a produção do café ou da concorrência dos países estrangeiros, com o que diminui a nossa exportação dêsse produto. De modo que com o petróleo produzido no Brasil, já nestes anos de 1956 e 1957, economizamos 200 milhões de dólares de divisas.

89 Assim vai marchando a política do meu Governo. A parte relativa a transportes, que interessam a tôdas as indústrias, também vem merecendo o maior carinho e a maior atenção. Estamos com um programa de construções de rodovias só por si capaz de duplicar aquilo que encontramos em 1956, dando-nos mais 12 mil km de estradas de rodagem de primeira qualidade e pavimentação de 5 mil km. Esses números podem parecer modestos; mas basta compulsar as estatísticas do Brasil, para verificarmos que havia nêle, no início do meu Governo, apenas 10 mil km de estradas classificadas como de primeira classe e pouco mais de mil km de estradas asfaltadas. O nosso esforço, portanto, vai muito além daquilo que eu anunciei, de que em cinco anos progrediríamos cinqüenta em todos

os setores a que nos estamos referindo. A par da lamentável situação das rodovias, encontramos um parque ferroviário completamente em decomposição. Chegamos a êsse estado de coisas realmente doloroso de as nossas estradas de ferro terem a velocidade média das tropas e tropeiros do século passado. Dentro em breve, com os empréstimos obtidos no estrangeiro, que já montam a mais de 100 milhões de dólares, com os bilhões de cruzeiros que o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico pôs à disposição dêsse programa, estamos reequipando as estradas com locomotivas, vagões, trilhos, em suma, todos os elementos indispensáveis à melhoria do parque industrial brasileiro. Ainda ontem, em São Luís do Maranhão, assisti ao desembarque da primeira locomotiva a óleo diesel que vai entrar naquele Estado. A Estrada São Luis-Teresina contava com 30 locomotivas a vapor, com a capacidade para transportar 18 mil toneladas; mas com essa nova máquina, e com mais três que estão aqui no pôrto do Recife, a capacidade de transporte daquele Estado atingirá 60 mil toneladas, regularizando todo o transporte daquela Estrada.

Mas, além disso, temos um problema gravíssimo, que é o do transporte marítimo. Anunciei em meu discurso do dia 31 de dezembro que êste ano seria o ano da construção naval. Naquele instante já havia assinado vários atos que significavam a instalação no Brasil de vários arsenais que ainda no meu Governo começarão a produzir navios de 4 mil toneladas, ampliados depois para 10 mil até 40 mil toneladas por unidade. O transporte marítimo é essencial para o Brasil. Nação com um litoral de 7.500 km, não dispomos de recursos nem para o transporte de mercadoria pesada, o que significa, como ainda há pouco aqui acentuou o ilustre senhor Antiógenes Chaves, uma das maiores dificuldades para o escoamento da sua produção. Mas encontra-se no Congresso, depen-

dendo apenas de uma única votação, um plano da Marinha Mercante que assegurará ao Governo os recursos necessários para que, dentro de três anos, neste Governo ainda, estejamos inteiramente libertos dos arsenais de construção estrangeiros. Está também no Congresso o projeto de lei de criação do Fundo Portuário, que é indispensável para o equipamento dos portos do Brasil. Numa nação que tem mais de 200 portos, temos apenas 18 em condições de receber e de atracar navios modernos. É necessário, portanto, que este problema receba do Governo o maior amparo, e é o que estamos fazendo para com o Fundo Portuário, na expectativa de sua rápida tramitação legislativa, a fim de possibilitar à nação brasileira o reequipamento de seus portos, dando a êsses denodados caboclos do Nordeste e de todo o litoral brasileiro os instrumentos para facilitar a sua ação e o seu trabalho.

91 Nesta síntese, não posso deixar de referir-me a mais alguns elementos que têm sido uma preocupação de todos os instantes do meu Governo. E um deles é o da implantação das indústrias de base no Brasil. Estamos neste setor caminhando tão vigorosamente, que a surpresa que acometeu os círculos industriais do Brasil foi a ponto de êles próprios se rejubilarem com o êxito dos empreendimentos que levamos a efeito. Na parte, por exemplo, de produção de veículos automotores, organizamos em maio de 1956 o Grupo Executivo da Indústria Automobilística, órgão destinado a policiar e a enquadrar dentro de normas fixas as aspirações de todos aquêles que quisessem vir para o Brasil desenvolver essa indústria. Na minha campanha política, eu anunciei que produziríamos 50 mil veículos ao fim do meu Governo, porque, naquela altura, estávamos, com exceção dos caminhões da Fábrica Nacional de Motores, na estaca zero da produção de veículos. Pois bem: posso hoje anunciar que teremos em 1960 não apenas os 50 mil anunciados, mas

217 mil veículos por ano fabricados no Brasil, com sua produção nacionalizada quase integralmente: jipes, automóveis, caminhões e camionetas. Vê-se por aí, meus senhores, o resultado do esforço que o Governo vem realizando. No ano que findou já produzimos mais de 30 mil veículos. E agora, em 1958, essa indústria entrará em produção em massa, e estou certo que, com isso, estaremos prestando ao país um grande benefício, dos melhores para o seu desenvolvimento.

Além da indústria de automóveis, a indústria siderúrgica, sem a qual não é possível nenhuma outra, numa era considerada, com toda a razão, a idade do aço, era setor que necessitava de nossa máxima atenção. Encontramos uma produção de 1 milhão de toneladas quando assumimos o Governo. Programamos a meta de 2 milhões e atingiremos no fim do meu Governo 2 milhões e 300 mil toneladas, deixando usinas em construção que assegurarão ao Brasil em 1965 quase 5 milhões de toneladas de aço, necessários e indispensáveis para o surto de desenvolvimento do Brasil. Além disso, todas as outras metas, que seria longo enumerar, estão sendo rigorosamente cumpridas.

É esta prestação de contas que o Presidente da República vem fazendo por todos os recantos do território nacional. Estamos nesta hora realmente assistindo a uma consolidação do regime democrático no Brasil. Um Presidente da República já não pode conservar aquelas insignias majestosas de um imperador, tem de confraternizar-se com o povo, tem de visitar o Brasil em todos os seus recantos e levar a todos os brasileiros a presença dessa autoridade, para provar que não está no Palácio do Catete rodeado de papéis, a despachar apenas o expediente burocrático, mas, ao contrário, para mostrar que está lutando pelo Brasil, trabalhando com aquêles que às vezes nunca ouviram falar no seu nome, dedicando-se a isso com uma de-

92

93

voção que há de assegurar ao Brasil dias melhores para todos. Estas declarações, faço-as aqui no Recife, com o maior prazer, porque, nestes dois anos de Govêrno, a par desta construção material, o que mais me impelia era oferecer ao Brasil uma tranquilidade tão objetiva que estimulasse a confiança de todos aquêles que quisessem trabalhar conosco ou vir de fora para colaborar conosco no progresso do Brasil. Na viagem que realizei pelos Estados Unidos e pela Europa, convocando de coração simples e aberto todos os homens de capital, para vir trabalhar numa nação nova, que receberia fraternalmente todos aquêles que quisessem fazer do Brasil o seu próprio lar, devo dizer que o meu apelo foi amplamente respondido: só nesses dois anos conseguimos carrear para o Brasil cerca de 1 bilhão de dólares, mais de metade em investimentos industriais, com o que temos podido enfrentar essa hidra terrível que é o fenômeno inflacionário. A colaboração que o capital estrangeiro vem dando ao Brasil ajudou realmente a reconstruir a indústria nacional e a fazer com que pudéssemos atacar outro lado gravíssimo da questão, que era o custo crescente da vida. Os trabalhadores que me ouvem, todos aquêles que por esta vastidão do Brasil estão lutando com as dificuldades da sua própria subsistência e de suas famílias, devem saber que no Palácio do Catete está um homem que tem em vista os problemas superiores do país, em seu conjunto, sem esquecer o mais importante de todos, que é o que diz respeito ao bem-estar de cada lar e de cada família humilde. Já podemos apresentar estatísticas surpreendentes da constância do nosso esforço neste sentido. No meu discurso de 31 de dezembro, eu anunciei em números rigorosamente exatos, e que desafiam contestação, que se em 1954-55-56 o custo da vida no Brasil sofreu acréscimos equivalentes no mínimo a 20 % ao ano, em 1957, esta taxa baixou para 7,04, mostrando a exatidão e a certeza da

política econômica que o Governo vem realizando, política que não visa ao benefício de nenhum grupo, mas ao da coletividade brasileira, que está assim recebendo os frutos dessas providências. Sei bem que as dificuldades que enfrentei estão sendo capitalizadas para o futuro do Brasil. E falando aqui neste instante a homens de Pernambuco, que estão nesta primeira trincheira do Brasil desde a formação da nacionalidade e que despertaram e se levantaram num instinto nacionalista tão puro e tão fecundo, ao falar a êstes homens, tenho a consciência de poder ombrear-me com êles, porque também a minha preocupação é nacionalista no sentido de dar ao Brasil os instrumentos e a base necessária para poder, sózinho, vencer as suas dificuldades. Este é o meu propósito. E, congratulando-me com os dignos organizadores desta empresa, agradeço as palavras do magnífico discurso de Antíogenes Chaves, homem de indústria, dinâmico e uma das mais lúcidas inteligências do país. Quero agradecer ao ilustre Governador do Estado o acolhimento generoso que me dispensou nesta terra, bem como às demais autoridades, civis e militares. E, dando por terminadas estas palavras, proferidas no calor da inspiração, desejo concluir de novo o Brasil para continuar nesta mesma bandeira em que nos empenhamos, que é a de lutar sem tréguas pelo restabelecimento completo da democracia e da ordem legal, no que fomos auxiliados de maneira extraordinária pelas Forças Armadas, pela compreensão dos políticos, pela devoção do povo. Neste instante em que me despeço do povo de Pernambuco, do povo que cumpriu o feito de Guararapes e outras horas épicas da história do Brasil, eu quero reafirmar o meu propósito de trabalhar pelo Brasil em empreendimentos desta natureza, que têm como supremo objetivo proporcionar às gerações do futuro a tranquilidade e o bem-estar que a nossa geração não conquistou na sua plenitude.